

MODUS VIVENDIS ALTERADOS E TERRITÓRIOS EXPROPRIADOS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA ALDEIA SALTO UTIARITI E QUATRO CACHOEIRAS (MT)

Mayra Christiny Candido Nogueira (1); Eduarda Oliveira Motta Souza (1); Stephany Duarte Portela (2); Profa. Dra. Zuleika Alves de Arruda (3)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Cuiabá “Octayde Jorge da Silva”;
zuleika.arruda@cba.ifmt.edu.br.

Resumo: O presente trabalho faz parte de um projeto transdisciplinar denominado “Olhares e saberes a respeito da técnica e Tecnologia no Território Mato-grossense” realizado pelos alunos do curso de Edificações do IFMT – Campus Cuiabá. Objetivando romper com a produção de um saber fragmentado, dissociado da realidade técnico-científico e informacional prevalecente na sociedade contemporânea, este projeto de pesquisa teve como objetivo por meio do tema gerador “Técnica e Tecnologia” propiciar aos alunos a capacidade para compreender e avaliar a gênese das tecnologias comunicacionais e informacionais na produção do espaço mato-grossense e seus impactos nas comunidades tradicionais indígenas. O trabalho possui como objetivo relatar a experiência pedagógica vivenciada pelos alunos de Edificações na aldeia do Salto do Utiariti e Quatro Cachoeiras objetivando entender a gênese da produção do meio- técnico-científico-informacional no território indígena e as repercussões na maneira de viver, consumir e viver do povo Paresi. A opção metodológica adotada foi o estudo do meio, por intermédio da realização da visita técnica nas Aldeias Quatro Cachoeiras e Utiariti localizadas no município de Campo Novo do Parecis (MT), revisão bibliográfica e realização de registros fotográficos e midiáticos (vídeos) . A experiência pedagógica possibilitou-nos constatar que, embora as mesmas pertencessem em um mesmo grupo étnico, apresentavam diferenças no que diz respeito à temporalidade de inserção ao mundo capitalista globalizado, refletindo nas formas de viver, consumir e produzir. No aspecto produtivo um paradoxo se configura. A alteração no processo produtivo desse povo, da agricultura tradicional para a lavoura mecanizada, ao mesmo tempo em que, representou uma conquista para esse povo, no sentido que possibilitou o retorno às aldeias dos homens que antes trabalhavam nas fazendas, bem como, para a obtenção de renda para investir em projetos comunitários, por outro lado abriu um precedente que preocupa as demais etnias que vivem no Cerrado e nas áreas de transição, uma vez que esses povos passam a adotar o modelo ocidental de produzir.

Palavras-chave: *Modus vivendis*, meio técnico-científico e informacional, mundo capitalista globalizado, experiência pedagógica, território indígena.

Introdução:

O presente trabalho faz parte de um projeto transdisciplinar denominado “Olhares e saberes a respeito da técnica e Tecnologia no Território Mato-grossense” realizado pelos alunos do curso de Edificações do IFMT – Campus Cuiabá. Objetivando romper com a produção de um saber fragmentado, dissociado da realidade técnico-científico e informacional prevalecente na sociedade contemporânea.

Este projeto de pesquisa teve como objetivo, por meio do tema gerador “Técnica e Tecnologia”, propiciar aos alunos do curso de Edificações a capacidade para compreender e avaliar

a gênese das tecnologias comunicacionais e informacionais na produção do espaço mato-grossense e seus impactos nas comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas).

A realização do trabalho pautou-se no entendimento da importância da (re) significação, por parte dos alunos, dos conceitos ensinados, ou seja, que o processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re) signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular, das experiências concretas interligando aos conteúdos estudados.

Seguindo essa perspectiva, a opção metodológica adotada para realização do trabalho foi o estudo do meio, por meio da realização de uma visita técnica nas Aldeias Quatro Cachoeiras e Utiariti localizadas no município de Campo Novo do Parecis (MT), revisão bibliográfica e realização de registros fotográficos e midiáticos (vídeos) a respeito da problemática avaliada.

Objetiva-se, com isso, apresentar a experiência pedagógica vivenciada pelos alunos de Edificações na aldeia do Salto do Utiariti e Quatro Cachoeiras objetivando entender a gênese da produção do meio-técnico-científico-informacional no território mato-grossense e as repercussões na maneira de consumir e viver dos povos Paresí.

Transformações socioespaciais decorrentes da técnica e tecnologia em território indígena Paresí:

As aldeias do Salto Utiarati e Quatro Cachoeiras estão localizadas no município de Campo Novo do Parecis, a noroeste do estado do Mato Grosso, como pode ser observada na figura 1.

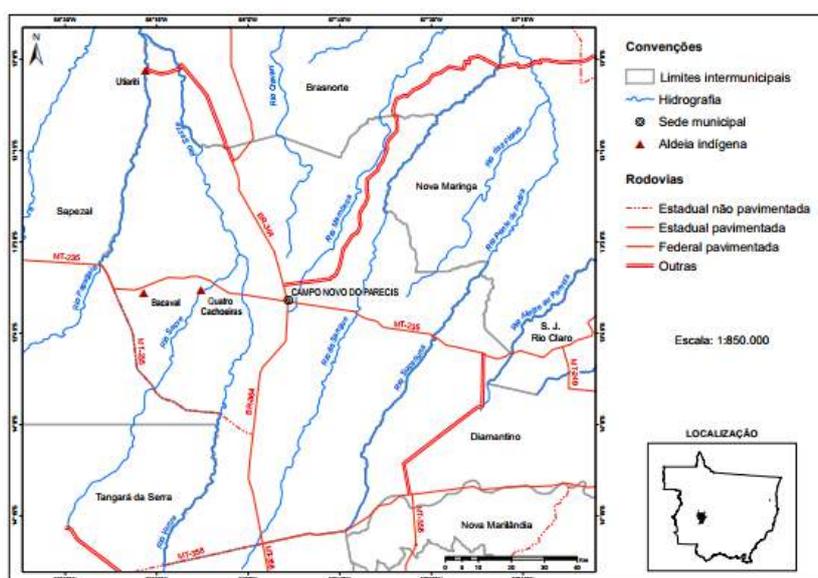


Figura 1 – Mapa da terra indígena Paresí em Mato Grosso.
Autor: Gusmão(2017)



Datam do último quartel do século XVII as primeiras referências ao sertão dos índios Paresí. Na época, bandeirantes paulistas vararam os sertões, na vasta área que compreende hoje o estado de Mato Grosso, à caça de índios – prática que posteriormente aliaram à exploração das riquezas minerais da região. O bandeirante Antônio Pires de Campos, por meio do rio Sepotuba, atingiu um extenso chapadão que denominou “reino dos Parecis”, numa referência ao povo que lá habitava. Chamou-lhe a atenção o fato de constituírem um povo numeroso e de fácil trato. Observou a organização política Paresí caracterizando-a como descentralizada. A conjugação destes fatores deve ter estimulado a cobiça dos predadores que iniciaram, em seguida, as caçadas aos “pacíficos” Paresí. Entretanto, o contato com os Imutis (homem branco) aconteceram sob o signo da violência e do uso de sua mão-de-obra quando explorados de látex e poaia chegaram á região ainda no início do século XX.

O contato dos Paresí com os grupos não índios (Imóti) intensificaram-se a partir da chegada de Cândido Rondon e a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso e, posteriormente, com as Missões Religiosas intensificou os conflitos e interferido na sua organização sociocultural e territorial. A ruptura e conflitos entre estes povos ocorreram com a chegada de Rondon, em território Paresí, ao instalar a primeira estação telegráfica de “Ponte de Pedra” próximo ao rio Sakuriu winã (lugar mítico de origem do Paresí) e a segunda nas terras dos índios, ao norte da estação “Parecis”. A esse respeito, chama a atenção para o fato de que o empreendimento estratégico e militar de Rondon contribuiu de forma significativa para a redução de seu território e população:

No início do século XX, Rondon cortou o território Paresí com o objetivo de implantar as linhas telegráficas para comunicar Mato Grosso e Amazônia. Esta travessia em seu território trouxe consequências em vários níveis para os Paresí – desde seu envolvimento como trabalhadores das linhas e posteriormente na sua manutenção, modificação da localização das aldeias, introdução de novos hábitos, de novas necessidades e mesmo difusão de epidemias. (MACHADO, 1994)

O cotidiano dos Paresí passou a ser impactado pelos ciclos econômicos que marcaram O Chapadão dos Parecis: quer seja na coleta da seringa e da poaia – erva de cujas raízes se extrai a emetina, usada como princípio ativo em medicamentos -, como guarda-fios e guias das comissões telegráficas – motivo pelo qual ficaram conhecidos como "os índios de Rondon" -, como vendedores de artesanato na beira da BR-364 – construída em 1961, cortando o território Paresí de

Em visita realizada nas ruínas, o espaço é apontado como o marco da desestruturação da cultura Paresí e explicam que as aldeias onde atualmente há menos falantes do Paresí, língua pertencente ao tronco Aruak, são aquelas nas quais a ação catequizadora da chamada Missão Anchieta foi mais forte, como é o Caso da aldeia do Salto Utiariti.

A chegada dos “imótis” (homem branco) nesse território não provocou apenas alterações no território físico como existencial e cultural desse povo. A demarcação concebida por esses grupos de acordo com marcos simbólicos e/ou elementos que compõem a paisagem natural e que servem como referência para a fronteira territorial e existencial entre esses povos são substituídos pelas fronteiras do capital. A concepção de demarcação territorial para esse grupo ocorre com a penetração do homem não índio e intensifica na década de 1960 com a abertura de BR-364 viabilizando a territorialização do capital mediada pela expansão da fronteira agrícola científica-tecnificada e (des) territorialização desse grupo.

As Terras Indígenas, em que hoje vivem os Paresí, só começaram a ser demarcada no fim de 1960, e apenas na década de 1990 a maioria delas foi homologada. Mesmo sendo estas áreas bem inferiores ao território dos Paresí na primeira metade do século XX, diversos lotes de ‘terras devolutas’ foram vendidos dentro das áreas demarcadas, com certidões negativas de presença de indígenas expedidas pelo órgão tutor, gerando o conflito entre esses povos e os “imóti”.

A fronteira agrícola tecnificada-cientificada impõe uma nova ordem econômica e espacial para esses grupos, que são conduzidos a adotar novas práticas socioespaciais como forma de garantir a sua sobrevivência econômica e cultural, por meio do arrendamento de suas terras para os produtores de soja, através do qual recebem *royalties* pela construção de PCH em suas terras e/ou conversão do seu território (físico-existencial) em mercadoria para o turismo. Podemos inferir que passa a existir um deslocamento do olhar desse grupo acerca das relações historicamente estabelecidas entre as pessoas para o território, convertendo-se em uma fonte econômica e de poder (ARRUDA, et all, 2017).

Olhares contemporâneos do *Modus Vivendis* da Aldeia Salto do Utiariti e Quatro Cachoeiras

A Aldeia do Salto Utiariti, liderada pelo cacique Orivaldo Koremazokae, que apresenta registro em seu território a passagem de Marechal Rondon (1907 a 1915) e da Missão Jesuítica (entre 1940 e 70) e, que faz parte do “Circuito Etnoturístico dos Parecis” foi o que apresenta



registro do impacto da “aculturação”. Foi nesse território, no início do século, de 1906 a 1945, que o Marechal Cândido Rondon percorreu e instalou a linha telegráfica.

Na aldeia o *modus vivendis* prevalecente é o da sociedade contemporânea, representada pela alteração do padrão de habitação (predomínio de casas de madeira), pelo padrão de consumo integrado á vida urbana nacional e inserção na atividade econômica contemporânea por meio do uso de suas terras para o plantio da soja.



Figura 5 -8 – Cenas de modo de vida contemporâneos na Aldeia Utiariti.
Autor: Zuleika Arruda



Figura 9 - 11 – Acessórios decorrentes do processo de globalização.
Autor: Zuleika Arruda





Figura 12-14 – Móveis e eletrodomésticos da Aldeia Utiariti.
Autor: Zuleika Arruda

Nesta aldeia constatou-se que existe uma pouca valorização da cultura tradicional, e inexistência da prática da língua tradicional (Aruak). O predomínio do idioma português em relação á língua tradicional representa uma estratégia de resistência e de poder usado para inserir na sociedade “capitalista branca”, de forma que eles possam usufruir todos os bens e direitos de qualquer cidadão brasileiro, ou seja, nas mesmas condições dos não-índios, em termos de status profissional e social. Fato notório na experiência foi a constatação de índios com formação e Pós Graduação universitária que tem contribuído para a inserção de novas formas de organização econômica e produtiva. Visto que o processo de alteração da cultura pelos homens brancos começou antes de atingir as demais aldeias da terra indígena, é notória a maleabilidade dessa aldeia na busca por novas tecnologias e formas de organização tipicamente capitalista, ao contrário, da resistência das demais em garantir a sucessão dos costumes tradicionais.



Figura 15e 16 – Espaço de sociabilidade alterado: salão de festas e campo de futebol.
Autor: Zuleika Arruda

O Cacique Orivaldo Koremazokae, faz questão de enfatizar que o seu grupo representa o “índio contemporâneo” e que o “índio do passado e sua cultura original” pode ser contemplado nas outras aldeias que possuem o enfoque ao etnoturismo. Nessa aldeia, o cacique explica as diversas



formas de organização econômica como o cultivo da soja, segundo os moldes da agricultura modernizada, da organização para a realização da cobrança de pedágio (rodovia em território indígena) e a inserção da atividade turística em território Paresí.

A participação dessa comunidade na Rota Turística ocorre por meio da mercantilização dos atrativos naturais que dispõem em seu território. A potencialidade natural existente, como por exemplo, a cachoeira do salto Utiariti, com 98 metros de altura, um local sagrado para os indígenas, de valor histórico e mítico se converte em mercadoria para o turismo de aventura.



Figura 17 – Salto Utiariti
Autor: Zuleika Arruda

Nessa aldeia, a comercialização do artesanato encontra-se pouco formatado, dando uma maior ênfase aos recursos naturais que aos culturais, começando a modelar novas territorialidades e identidades por meio da prática do turismo de natureza.



Figura 18 – Espaço de comercialização do artesanato.
Autor: Zuleika Arruda

A Aldeia Quatro Cachoeiras, com cerca de 100 moradores, é formada por muitos descendentes de Narciso – filhas, netos e bisnetos que moram nas hátis e casas de madeira e alvenaria, que circundam um pátio central que é o espaço para festas, rituais, prática do cabeça-bol



e convivência. Lá, embora os padrões de consumo estejam presentes no seu cotidiano, em meio às “háti” (casas), observam-se construções em alvenaria; ainda se constata o *modus vivendi* desse povo registrado na sua organização socioespacial, ou pela manutenção do uso da língua nativa (o *aruák*).

Atualmente os Paresí vivem num mundo estruturado na fronteira entre o tradicional (local) e moderno (típico da cultura moderna ocidental) em *seu modus vivendis*. Pode-se observar que nas habitações indígenas (Hátis) encontram-se alguns eletrodomésticos como geladeira, fogão a gás, armários, camas, mesas, sofá, frigobar, mesa de fórmica, aparelho de som, televisão, celular, dentre outros, em consonância com xiris, flautas, bazarás, arco, flechas, cabaças de chicha, rede com cobertores, lençóis e travesseiros, vide figuras, 19-23.



Figura 19 - Camas de casal do cacique Aldeia Quatro Cachoeiras .
Foto: Zuleika Arruda



Figura 19 - Frigobar e geladeira. Aldeia Quatro Cachoeiras
Foto: Zuleika Arruda



Figura 20 - Fogão de seis bocas. Aldeia Quatro Cachoeiras
Foto: Zuleika Arruda



Figura 21 – Sala de estar do cacique. Aldeia Quatro Cachoeiras .
Foto: Zuleika Arruda



Figura 22 – Utensílios da cozinha. Aldeia Quatro Cachoeiras
Foto: Zuleika Arruda



Figura 23 – Armários da háti do cacique. Aldeia Quatro Cachoeiras
Foto: Zuleika Arruda

A alimentação também se caracteriza pelo hibridismo, sendo comum o uso de margarina ao comer o beiju, carne de caça acompanhada por arroz feito á base de óleo industrializado, churrasco de carne bovina, refrigerante, iogurte, suco artificial, massa de mandioca para biju, biscoitos etc.

Entretanto, a inserção desse povo à sociedade por meio da mudança nos hábitos alimentares pela intensificação de comidas e bebidas industrializadas tem acarretado o acúmulo de lixo e sua coleta, doenças como diabete, obesidade e câncer e outras decorrentes da carência de infraestrutura





básica, etc, outrora desconhecidas aos indígenas. Isto é, com a busca de novas tecnologias para a aldeia, o descarte das mesmas de maneira incorreta e a não utilização da coleta seletiva, acarreta em condições de periculosidade para os habitantes da aldeia.

Atualmente os Paresí mostram-se preocupados em manter seus costumes e com a recuperação de outros aspectos que consideram importantes para a manutenção das suas práticas socioculturais, tendo em vista as consequências sofridas ao longo da sua história com os “não índios”. Com o objetivo de manter a cultura Paresí e alternativa econômica o turismo foi implementado com o aval da comunidade e ocorre em território original do seu *modus vivendis*, em que a paisagem cultural e natural passa ser a principal mercadoria. Além do comércio de seus artesanatos para os turistas que visitavam como pode ser observado nas figuras 24-26.



Figura 24-26 – Comercialização dos artesanatos com preços tabelados.
Autor: Zuleika Arruda

Considerações Parciais:

A experiência pedagógica foi de grande proveito, contribuindo para o aprendizado pessoal e profissional do grupo. Isso, tendo em vista que, por meio da vivência in loco, possibilitou-nos a compreensão das alterações no *modus vivendi* tradicional desses povos e da sua organização social pautada nos laços de parentesco e solidariedade para a inserção á sociedade de consumo contemporânea. No aspecto acadêmico, a convivência com os indígenas por meio da visita in loco, propiciou-nos a descoberta de que, o conteúdo a respeito dos povos indígenas existentes nos livros didáticos e adquiridos em sala de aula, não abarcam a riqueza e diversidade cultural existente entre os numerosos grupos existentes no território mato-grossense, assim como, os conflitos culturais decorrentes da inserção desses povos á sociedade de consumo.

A experiência nas Aldeias do Salto do Utariti e Quatro Cachoeiras possibilitou-nos constatar que embora as mesmas pertencessem em um mesmo grupo étnico apresentavam diferenças no que diz respeito à temporalidade de inserção ao mundo capitalista globalizado, refletindo nas formas de viver, consumir e produzir.





No aspecto produtivo passa a ocorrer alteração na prática da agricultura tradicional para a lavoura mecanizada. Essa prática representou uma conquista para esse povo, no sentido que possibilitou o retorno às aldeias dos homens que trabalhavam nas fazendas e a obtenção de renda para investir em projetos comunitários, por outro lado abre um precedente que preocupa as demais etnias que vivem no Cerrado e nas áreas de transição com a floresta amazônica uma vez que esses povos passam a adotar o modelo ocidental de produzir.

No aspecto que diz respeito às mudanças no *modus vivendis* tradicional decorrente da inserção à sociedade capitalista de consumo constata-se que na Aldeia Salto do Utiariti o processo de ressignificação foi mais intenso onde ocorre a sobreposição da cultura urbana contemporânea sobrepondo à indígena. Nessa aldeia, devido às influências históricas, alterou-se mais amplamente no modo de vida, encontrando um povo mais próximo da realidade de fora da aldeia, isto é, dos hábitos e ferramentas advindas da globalização.

No caso da Aldeia Quatro Cachoeira pôde perceber que os elementos da globalização e sociedade de consumo os atingiram de maneira intensa por meio da entrada de água, luz, televisores, computadores, etc. alterando o *modus vivendis* tradicional como contribuiu para o aperfeiçoamento de suas atividades, facilitou na prática e dinâmica da aldeia, bem como do acesso ao conhecimento. Nessa aldeia, o Cacique Narciso, enfatiza da importância de preservação da natureza e da sua cultura. Deixa claro da importância de estar “conectado com o mundo branco”, mas também de preservar as práticas culturais de seu povo.

Dessa forma, superaram-se as expectativas a partir do conhecimento trazido da escola, dinâmica interessante, pois o conflito entre a teoria e a prática abriu ao conhecimento e novos posicionamentos frente à sociedade, ou seja, em síntese, a experiência em ambas as aldeias já despertou e abrangeu as possibilidades de discussão quanto aos indígenas.

Entretanto, uma dúvida surge: conseguirão esse povos manterem seus costumes e tradições sem converter a sua cultura em um espetáculo para o turista? De conviver com a sociedade tecnológica sem perder a sua identidade cultural e seus costumes?

Referências Bibliográficas.

MACHADO, M. F. Roberto. “**Estação Parecis: um território expropriado**”. Fórum: Indigenismo e Antropologia da Ação: 25 anos identificando terras indígenas. Cuiabá, 1 de Agosto, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO NOVO DO PARECIS. Guia Turístico, Campo Novo do Parecis, INNOVA Marketing, 2015.